

# Estudo Sobre as Diferenças no Comportamento entre Homens e Mulheres sob a Perspectiva Biológica e Social

---

*Lílian Menezes de Almeida*<sup>1</sup>

*Juliana Alves Belo*<sup>2</sup>

*Recebido em: 13.05.2023*

*Aprovado em: 18.12.2023*

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de entender as diferenças que existem entre os homens e as mulheres, com relação ao comportamento a partir de pontos de vistas fundamentados em teorias biológicas e sociais. Através de estudos perceberemos que o corpo fisiológico carrega grandes diferenças e essas diferenças podem causar comportamentos também distintos. A influência cultural também exerce um grande peso nas diferenças de comportamento entre gêneros, isto porque, segundo as teorias sociais, a forma como homens e mulheres são criados e tratados de maneiras diferentes em nossa cultura, faz com que cada um exerça um papel que é único e exclusivo de cada sexo.

**Palavras-chave:** Homem e Mulher; Comportamento; Diferenças fisiológicas; Diferenças Culturais.

## *Tutor Actions Panel in an Interactive Learning Environment*

**Abstract:** This work aims to understand the differences that exist between men and women, in relation to behavior from points of view based on biological and social theories.

Through studies we will realize that the physiological body carries great differences and these differences can also cause different behaviors.

Cultural influence also exerts a great influence on differences in behavior between genders, because, according to social theories, the way men and women are raised and

---

<sup>1</sup> Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006). Servidora Pública do município de Contagem desde 2005. Especialista em Saúde da Família e em Micropolíticas do Trabalho e da Gestão em Saúde. Com experiência de mais de 13 anos em gestão de serviços públicos em saúde e mais de 4 anos de experiência em gestão na Educação.

<sup>2</sup> Psicóloga e sexóloga clínica. Terapeuta sexual e de casal. Educadora e palestrante em sexualidade. Bacharel em Direito. Especialista em Psicanálise (FUMEC), Psicodrama (FMBH), Vigilância epidemiológica em DANT (ESP-MG) e Ciências Criminais (PUC Minas). Possui mestrado em Sexologia pela Universidade Gama Filho (UGF).

treated differently in our culture, means that each one plays a role that is unique and exclusive to each sex.

**Keywords:** Man and Woman; Behavior; Physiological differences; Cultural Differences.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem o intuito de entender as diferenças de comportamento entre homens e mulheres tomando, para isso, referências da neuropsicologia e dos estudos de gênero. Portanto, pretende-se também nesse trabalho entender as formulações advindas dos dois pontos de vista e articulá-las.

Conheceremos as diversas opiniões a respeito, as influências da cultura, a visão biológica e psicológica e as minhas conclusões com base nessas pontuações teóricas.

Estudar e entender as diferenças entre os homens e as mulheres em diversos pontos de vista é algo que sempre quis fazer.

Quando fiz monitoria na disciplina de Fisiologia Humana e Neurobiologia apresentei um trabalho que falava um pouco sobre essas diferenças no ponto de vista biológico e hormonal, porém, como apresentei o trabalho para alunos do curso de Psicologia, tive que articular com teorias psicológicas, o que foi muito difícil pra mim, pois quase nada sabia sobre tal perspectiva.

Ao pesquisar em bibliotecas, procurar professores que sabiam a respeito e com a ajuda da professora de Fisiologia Humana da PUC, professora Kátia Passaglio, fui me interessando cada vez mais pelo tema e decidi escrever meu trabalho de conclusão de curso sobre esse assunto.

Este trabalho visa fazer uma pesquisa bibliográfica a respeito das diferenças cerebrais e sociais entre gêneros e assim mostrar como essas diferenças podem causar diversos tipos de comportamentos em homens e mulheres.

Farei um breve estudo sobre as teorias que embasam este assunto, tais como a neurofisiologia e estudos de gênero realizados dentro do campo da psicologia social.

Após descrever e comparar as diversas contribuições dadas por essas teorias tentarei explicar as diferenças no comportamento entre os homens e as mulheres articulando as teorias da neurofisiologia com as influências culturais e sociais existentes.

Desta forma poderei ter uma opinião mais estruturada a respeito do tema e poder registrá-las de forma a contribuir como mais uma interessada nessas diferenças entre os sexos.

A seguir descreverei as diferenças existentes entre os homens e as mulheres, tanto no âmbito neurobiológico, como no social e histórico.

Perceberemos que as diferenças biológicas são claras, o tônus muscular é diferente, a quantidade de gordura e os próprios órgãos sexuais. Já em relação às diferenças sociais e históricas, também não fica difícil de imaginar como os homens sempre foram privilegiados em quase tudo, ao direito à cidadania, ao voto, à política, aos estudos literários, entre outros. A mulher sempre teve, desde o princípio, que lutar por esses direitos e mostrar que o “sexo frágil” não é tão frágil assim.

Veremos também, nas próximas páginas, que as diferenças existem sim, mas como é que essas diferenças foram cravadas na história? E como, principalmente as mulheres, vêm fazendo para tentar diminuir ou amenizar essas diferenças culturais e conquistar o seu espaço.

Através da conquista do espaço das mulheres muito tem se falado do “Mito do Masculino”. Veremos que os homens têm percebido que as mulheres são capazes de muitas coisas e que hoje, quase se igualam aos homens com relação a emprego, direitos e deveres.

Para iniciar o tema, primeiramente terei que abordar as diferenças a serem trabalhadas, que basicamente são as biológicas e as culturais para, em seguida, compreender como essas diferenças foram cunhadas.

## 2. AS DIFERENÇAS ENTRE OS GÊNEROS

É claro para nós a diferença entre os homens e as mulheres, seja ela física, neurológica ou cultural.

Do ponto de vista da Biologia, a diferença física é evidente, pois o corpo em si mostra uma clara distinção entre o tônus muscular, a quantidade de gordura, a altura e força, e, principalmente, entre os órgãos genitais. Porém, diferenças menos visíveis, como quantidades de hormônios em cada corpo não são menos importantes e também contribuem para alargar essa diferença.

Por outro lado, do ponto de vista social e cultural, essa diferença também aparece. As mulheres, há não muito tempo atrás, não tinham direito ao prazer sexual, ao voto, à política, dentre outros. A mulher não era vista como cidadã, servia apenas para o cuidado com a prole, para servir ao homem e para estar sempre a seu dispor. Dessa forma, a cultura, assim como os hormônios, molda e define o comportamento tanto feminino quanto masculino, contribuindo também para criar e estabelecer diferenças de comportamento entre os dois sexos.

Vejamos a seguir as diferenças marcantes dentro das teorias neurobiológicas e das teorias sociais/históricas sobre gêneros.

### 2.1. Diferenças neurobiológicas

Todos nós sabemos que homens e mulheres têm pensamentos e habilidades distintas, porém, poucos sabem que as estruturas cerebrais entre eles também têm peculiaridades próprias.

Em seu livro, "The Essential Difference" (A Diferença Essencial), lançado em 2004, no Reino Unido, o psicólogo Simon Baron-Cohen comprova que as diferenças existentes nos cérebros de homens e mulheres são responsáveis por diferentes maneiras pelas quais cada um processa a linguagem, as informações, as emoções, o conhecimento, a forma com que cada sexo calcula o tempo, estima a velocidade de objetos, realiza

cálculos matemáticos, etc. Isto explica o porque da existência de mais homens do que mulheres em algumas áreas de conhecimento e vice-versa.

As diferenças entre o cérebro masculino e feminino são, ao lado de fatores culturais, (que serão vistos mais adiante), responsáveis por aptidões mais tipicamente masculinas ou femininas.

Na mesma obra, Baron-Cohen mostra que o cérebro feminino, por exemplo, é 10% menor que o masculino, mas tem maior número de conexões entre as células nervosas.

Outra diferença estrutural é o hipotálamo, maior em cérebros masculinos do que em femininos. É nessa região que se processam o sono e os ciclos menstruais das mulheres.

As mulheres sintetizam menos serotonina que os homens. A baixa nessa substância química cerebral, ligada à sensação de bem-estar, é associada a uma série de doenças, entre elas a depressão. Além disso, o cérebro feminino é predominantemente programado para a empatia, enquanto o masculino é voltado por sistemas de construção e compreensão. Desta forma, homens se saem melhor em tarefas que envolvem cálculos, enquanto mulheres são melhores em habilidades verbais. As imagens em ressonância também constaram que o lobo parietal inferior, envolvido em tarefas matemáticas, é maior no cérebro deles.

Em Ulm, Alemanha, o neurologista Mattias Riepe, no ano de 2000, se uniu às pesquisas de Baron-Cohen e, através de estudos em gestantes e bebês recém-nascidos, comprovaram que um dos principais responsáveis pelas diferenças entre os sexos é o hormônio masculino: testosterona.

Segundo suas teorias neurofisiológicas, quanto maior o nível da substância nos fetos, maior o desenvolvimento do lado direito do cérebro, tradicionalmente relacionado à inteligência espacial. É por isso que, ainda no útero, o hemisfério direito dos meninos se desenvolve mais rapidamente que o esquerdo. É justamente aí que está o ponto de partida da vantagem masculina na sistematização.

É por isso também que as meninas tendem a ter mais habilidade relacionada à linguagem. Afinal, se nos fetos machos o lado direito se desenvolve mais, o esquerdo, associado à linguagem e à comunicação, fica atrás em comparação com as meninas.

Em relação à linguagem, as mulheres têm outra vantagem sobre os homens. Para se comunicar, além do lado esquerdo, neste caso, predominante, também usam o hemisfério direito.

Simon Baron-Cohen, psicólogo da Universidade de Cambridge, no Reino Unido e pesquisador deste assunto diz que:

Uma das explicações para os homens usarem apenas o lado esquerdo para as funções lingüísticas poderia ser que, no sexo masculino, o lado direito estaria ocupado com tarefas relacionadas à inteligência espacial e sistematização (Julho, 2003, p. 56).

Para testar a teoria do impacto hormonal sobre o funcionamento do cérebro, a equipe de Simon Baron-Cohen mediu o nível de testosterona pré-natal de um grupo de crianças. A dose do hormônio veio do líquido amniótico da barriga das mães. Depois de apurar o nível hormonal, a equipe avaliou o vocabulário de cada uma por meio de um questionário respondido pelos pais depois do seu nascimento. Cada palavra dita pela criança num período de dois anos era catalogada pelos seus pais e, ao final, entregue à equipe.

Deste estudo constatou-se que, quanto maior o nível de testosterona nos fetos, menor o vocabulário e o leque de interesses e, quanto mais restrito o nível de interesses, maior a facilidade para sistematização.

O nível de testosterona também influencia a inteligência espacial. Em testes para avaliá-la, tende a se sair melhor quem tem maior nível do hormônio, tanto mulheres quanto homens.

A diferença biológica entre os sexos começa desde a evolução das espécies, quando nossos ancestrais tinham papéis bem definidos na comunidade, que exigia habilidades específicas. Para homens, quanto maior a orientação espacial e habilidades para se construir armas – maiores as chances de sucesso na caçada. Quanto às mulheres, os

questos eram outros. Maior a empatia e habilidade para a comunicação ajudam não só a cuidar dos filhos, como conseguir ajuda no grupo para tomar conta das crianças, fatores essenciais para a sobrevivência da prole.

Porém, como crítica à essa idéia de Baron-Cohen pergunto se não pode ser exatamente o contrário: uma vez que socialmente os homens eram encarregados da caça e às mulheres cabia a tarefa de cuidar das crianças e da caverna, não poderia o cérebro ter se desenvolvido dessa forma exatamente por causa das funções sociais?

É um caso a se pensar e, por isso, volto àquele famoso dito popular: “Quem nasce primeiro o ovo ou a galinha?”. Creio que seja difícil afirmar esta questão como Cohen defende, pois são duas vertentes diferentes que defendem idéias muito pertinentes.

Está comprovado que homens e mulheres têm cérebro organizado de formas diferentes. É claro que essas diferenças não são tão extremas assim e, tampouco totalmente generalizadas, por esse motivo é que temos mulheres ótimas em matemática e homens com enorme habilidade verbal.

Para entender melhor os problemas masculinos e femininos a medicina começa a debruçar-se sobre as especificidades fisiológicas de cada sexo.

Porém, mesmo com todos os avanços, a medicina nem sempre compreende peculiaridades do corpo feminino e do masculino. O estudo das diferenças entre o organismo do homem e o da mulher começou a ser feito recentemente.

Na imortal ária da ópera "Rigoletto", do compositor italiano Giuseppe Verdi, a alma feminina é retratada como sendo inconstante e imprevisível tal como uma pluma que flutua ao vento. E o libreto continua: ela muda sempre seu discurso e seu pensamento, e apesar de ter um rosto amável e gentil, no choro ou no riso, é apenas uma dissimulação.

Do ponto de vista da neurofisiologia, essa característica feminina, que tanto exaspera os homens, que são muito mais constantes e previsíveis, tem bases biológicas. Sabe-se que os hormônios femininos sobem e descem seguindo um ciclo com duração média de

26 a 30 dias (o ciclo menstrual), e que boa parte das oscilações emocionais femininas pode ser creditada a essa verdadeira "montanha russa" hormonal. A famosa síndrome de tensão pré-menstrual, e as fortes alterações no humor de mulheres em menopausa são também causadas pelo efeito do baixo nível hormonal nas suas mentes. Os homens, não: seus níveis hormonais variam muito pouco e mesmo assim muito lentamente (ao longo de décadas). Não existe uma andropausa (a menopausa masculina) tão abrupta e marcada como a feminina, e, obviamente, o homem não ovula, nem menstrua.

O que pouca gente sabe é qual a razão biológica para a mulher ter um ciclo menstrual. Aliás, praticamente todos os mamíferos de sexo feminino, inclusive os primatas, tem função reprodutiva cíclica. Isso está ligado ao número de gametas (as células reprodutivas, ou seja, espermatozóides no homem, e óvulos na mulher). O homem produz trilhões de gametas, de forma contínua, e por ter nível hormonal sexual constante, está sempre pronto para copular e reproduzir a espécie. A mulher produz um número radicalmente menor (cerca de 2.000 óvulos apenas, em 30 ou 40 anos de vida fértil).

Segundo Renato Sabbatini (2000), a evolução ocorre quando a seleção natural elimina os desadaptados a mudanças no ambiente, e favorece a reprodução dos mais aptos.

Se o homem e a mulher tivessem ambos um número pequeno de gametas, essa variabilidade da prole gerada seria pequena. Como a produção de espermatozóides é gigantesca, existe uma enorme variabilidade de genes entre os gametas masculinos. Isso acontece, pois a meiose (o fenômeno da divisão celular que gera os gametas) "sorteia" aleatoriamente os cromossomos que vão se dividir entre os espermatozóides gerados. Ao ocorrer o processo da fecundação, o óvulo encontra-se, também ao acaso, com um desses espermatozóides, entre os bilhões que iniciaram a "corrida" após a ejaculação. Essa seqüência fantástica de "sorteios" gera a variabilidade ideal para a atuação da seleção natural. E é por isso que é praticamente zero a possibilidade de produzir-se dois irmãos idênticos (com o mesmo genoma) em nascimentos diferentes. Isso só acontece no caso de gêmeos univitelinos, que são uma espécie de "clones naturais" um do outro, e que é um acontecimento raro.

Portanto, tudo tem uma razão em biologia, e todos os fenômenos podem ser explicados pela evolução através da seleção natural, que é a força poderosa que molda a biodiversidade, em toda sua grandeza.

Assim, uma vez que por uma razão biológica é quase impossível produzir-se dois irmãos idênticos que não sejam gêmeos univitelinos, podemos concluir que os comportamentos desses sujeitos também não serão iguais, logo, cada um terá sua própria personalidade, sua própria definição de mundo e, conseqüentemente, sua própria história.

Ao falarmos em história junta-se aí a influência da cultura, pois cada um a absorve de uma maneira e assim como não se vê pessoas iguais fisicamente, não vemos pessoas com histórias iguais.

No caso de homens e mulheres então, são evidentes as diferenças forjadas na e pela cultura. A própria história cunha diferenças entre os sexos como o direito a voto, à cidadania, ao trabalho, a escritos, ao prazer, à fidelidade, entre outros.

No próximo item falarei um pouco sobre a história da mulher e o que fez com que essas diferenças comportamentais se fizessem tão presentes em suas vidas.

## **2.2. Diferenças sociais e históricas entre gêneros**

Marcia Tiburi, em seu texto: *As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento*, de 1999, diz que a muito se fala da questão da história da mulher, de suas conquistas e de sua diferença em relação aos homens.

Essa questão tem tomado corpo e invadindo espaços variados de investigação. Hoje, muito se fala nos temas "mulheres", "gênero" e "feminino".

A partir da década de 1970, "gênero" tem sido o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado por um grupo de feministas americanas sendo inúmeras as suas contribuições. Vejamos:

- A ênfase no caráter fundamentalmente social, cultural das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização;
- A importância dada ao aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois poderia existir através de um estudo que os considerasse totalmente em separado;
- Acresce-se a significação, emprestada por esses estudos, à articulação do gênero com a classe e a raça/etnia.

O significado desses termos (mulheres, gêneros e feminismo) tem plena atualidade filosófica e crítica. Em primeiro lugar, as mulheres são um tema de uma história escrita por homens. É raro encontrar um filósofo que não tenha se ocupado da questão sempre tratada na intenção da delimitação do lugar do humano em sua relação com as mulheres. Enquanto tema, e em segundo lugar, elas são um assunto que entrelaça motivos políticos, estéticos e metafísicos. É nesse território que aparece o conceito do feminino. Os filósofos homens tentaram construir uma geografia onde situar o feminino que, como símbolo, é o locus específico eleito para as mulheres, para definir sua natureza e ditar-lhes uma lei, uma inscrição no universo previamente tecido da tradição.

Gênero é o termo usado há algumas décadas para falar dessa produção de identidade segundo a cultura, a sociedade e os mecanismos de poder nela envolvidos. Gênero, portanto, para o feminismo, é um conceito crítico. Do mesmo modo, segundo o mesmo texto de Márcia Tiburi, os outros dois conceitos (mulheres e feminismo) devem ser vistos de modo crítico, considerando o aspecto retórico, a função e o uso que tentam fazer valer a verdade histórica contida na palavra.

A ausência histórica das mulheres na arte, na filosofia, nos movimentos sociais, dentre outros, pode ser explicada de muitos modos. O primeiro motivo a ser levantado é, portanto, o silêncio feminino facilmente observável na produção de livros e textos. As mulheres muito pouco produziram com relação aos homens. É claro que falo aqui em termos quantitativos. Logicamente, as mulheres participaram da história, mas pela porta dos fundos, assim como de todos os setores da vida produtiva e ativa das sociedades.

A alegação de que as mulheres tenham sido, ao longo do tempo, seres do silêncio por sua própria natureza ou que, na divisão do trabalho, tenham ficado com as tarefas do corpo, da procriação, da casa, da agricultura, da domesticação dos animais, por questões sempre naturais, perde sua validade. A produção do ideal da "natureza feminina", assim como de uma "natureza do homem" ou mesmo uma "natureza humana" serve à delimitação do humano segundo a utilidade necessária à constituição e ao interesse do poder e de seus guardiões.

O segundo motivo da ausência é, pois, a construção de um ideal feminino que mascara o recalque do corpo, da natureza, da vida nua - na expressão de Walter Bernardes (1996) - da qual coube às mulheres serem os estranhos porta-vozes: toda fala das mulheres, a partir desse pressuposto, precisa ser compreendida sob o signo do silêncio que a revela. Se o silêncio apareceu na história como um atributo feminino, que constituía parte do suposto mistério constitutivo da mulher - e mesmo do feminino enquanto ideal - é preciso rever seu lugar e pensar a construção do lugar do silêncio no qual as mulheres foram trancadas, assim como o foram em casas, escolas, conventos e manicômios para histéricas. O silenciamento das mulheres ocorreu em momentos específicos da história e concomitante a um processo que teve vítimas em setores variados. O silenciamento teve seu modo pérfido, quando mulheres foram levadas à fogueira, e teve seu modo cínico: as mulheres foram transformadas no "belo sexo" produzido pela cultura com o apoio da filosofia e das artes. A produção do ideal do belo sexo, a propósito, é uma marca da modernidade: sua função sempre foi a de afastar as mulheres do conhecimento e da política, mais do que protegê-las da imagem do mal com que foram desenhadas.

Com todo esse domínio dos homens desde muitos anos, parece difícil e estranho falar da crise do masculino.

Até pelo menos três décadas atrás, sempre houve homens e mulheres que romperam com o estabelecido como sendo o natural/normal na sociedade ocidental para os gêneros, porém, poucos eram os que tinham essa ousadia. Uma sã pessoa jamais poria em questão as posições do homem e da mulher na sociedade. Há milhares de anos que a nossa formação sócio-cultural tem afirmado, com veemência, chegando mesmo à

violência física e psíquica, uma hierarquia do sexo: há um sexo superior - o homem - e um sexo inferior - a mulher. Assim tem se formado a estrutura sexista e patriarcal da nossa sociedade, sexista pelo fato de transformar a diferença entre homem e mulher em desigualdade; e patriarcal porque tem poder quem é superior, isto é, o homem.

Esta visão, de algum modo totalizadora, infiltrou-se em todas as dimensões da sociedade, seja no nível individual, seja nas instituições sociais. Homens e mulheres, no nível individual e no nível social, têm reforçado, mutuamente, essa visão totalizadora: cada pessoa individualmente introjeta e projeta a desigualdade; nas relações que se estabelecem na instituição do casamento, na família, na educação informal e formal, na produção do conhecimento, na organização econômica, na organização política, na organização e reflexão das igrejas cristãs e, hoje, nas diversas religiões.

Com base em Scott (1994), citado no texto de SOIHET, é incorreto tentar explicar um fenômeno social apenas por causas isoladas, pois a realidade humana e social é tão complexa que possui, na origem da sua dinâmica, várias condições ou variáveis. Apesar de ciente disso, gostaria de destacar, para entender o que tem acontecido com as mulheres e os homens, duas condições que são fundamentais:

Em primeiro lugar, está a entrada da mulher no mercado de trabalho. Essa nova realidade sócio-econômica mexeu profundamente com a mulher, como também com a relação entre mulher e homem. A ancestral divisão entre o espaço da casa e o espaço da rua, o primeiro sendo da mulher e o segundo sendo do homem, vai perdendo sua delimitação tão rígida e vai criando novas situações na relação mulher/homem. A queda dessa divisão começa a desconstruir valores bastante sedimentados. A mulher vai fazendo a experiência da sua capacidade de desempenho profissional fora das quatro paredes domésticas.

Em segundo lugar, chamaríamos a atenção para o acesso da mulher à educação escolar e, posteriormente, à possibilidade de produzir conhecimento. Esta nova situação começa a evidenciar que a mulher não é tão inferior e frágil como se imaginava.

Podemos perceber que tudo isso é muito ambíguo e continua sendo nos dias de hoje. Uma cultura ancestral não se muda num piscar de olhos. Nós nos tornamos pessoas na

medida que vamos nos confrontando com o outro. Cada homem e cada mulher vai se tornando o que é no confronto dessa relação. Se, a partir desta nova situação, a mulher vai se modificando no seu modelo de mulher, necessariamente, vai ter que começar a existir um novo rearranjo entre homem e mulher, pois os dois não são mais os mesmos de épocas anteriores. Inicia-se um processo de ameaça aos modelos de homem e de mulher, anteriormente estabelecidos. cremos que esta nova situação pode remontar há uns cinquenta anos atrás.

Mas parece que a ameaça maior para homens e mulheres data das três últimas décadas. Este seria um terceiro ponto. A experiência acumulada pelas mulheres "fora de casa", no mercado de trabalho, nas instituições de produção de conhecimento, veio desembocar numa militância política: por um lado, a reivindicação de direitos; por outro, um embate intelectual. É o já conhecido movimento feminista. O movimento passa a perceber que certos direitos concedidos aos homens não podiam ser exclusivos seus; além deles, por conta da diferença entre mulher e homem, elas teriam acesso a buscar direitos próprios. Passam a mostrar que não existe o homem, como não existe a mulher; mas o que existe é um construto social para o sexo masculino e outro para o sexo feminino, dentro do qual homens concretos e mulheres concretas têm que assumir esses papéis para desempenhar suas funções na sociedade.

Por tudo isso, fica claro como é forte o papel da história e da cultura na modelização do comportamento feminino e masculino, percebe-se que a mesma história que, há décadas atrás tirava os direitos das mulheres e só as viam como "decoração" ou parte espectadora é a mesma que hoje reconhece os seus valores e tenta reerguer seus direitos.

Uma vez que a partir das colocações feitas fica claro que o comportamento tanto feminino quanto masculino é tecido na fábrica social, a seguir tentarei descrever o que tem marcado o modelo de homem construído através de milhares de anos.

Fazendo referência às autoras Moema Toscano e Mirian Goldenberg, em 1992 elas escreveram que o modelo de homem que gerações de meninos e adolescentes do

gênero masculino têm aprendido a ser é, numa palavra, de uma pessoa superior às do gênero oposto. Esta superioridade se explicita em vários níveis.

Ele, o homem, é racional, pois a racionalidade, na tradição ocidental, é o que há de mais nobre na pessoa humana. Racionalidade é o oposto de sensibilidade, a parte menos nobre da pessoa. Portanto, ele deve fazer o aprendizado de tomar distância, de camuflar a sua sensibilidade para ser verdadeiro homem. Ligado a esse contexto, o homem é muito pobre na expressão de seus afetos. Ele é treinado para não exprimir demonstração de afeto. Isso significa que ele não aprende a ser afetuoso com as outras pessoas, com as mulheres e, muito menos, com outros homens.

A superioridade masculina está presente em duas áreas de fundamental atenção para a formação homem: o trabalho profissional e a sexualidade. Do ponto de vista do trabalho, o homem deve ser, continuamente, bem sucedido. Ele deve ter um trabalho considerado superior em relação ao trabalho da mulher, obter um salário superior ao dela e sempre ter sucesso profissional. É isso que o garoto aprende, e é isso que, posteriormente, ele vai se cobrar e os que estão em torno dele, homens e mulheres, lhe cobrarão. Além do mais ele é formado, se não para ser o único provedor da família, pelo menos o principal.

Outra dimensão do homem, a sexualidade, é motivo de atenção e preocupação para a família, desde a sua infância. Claro que nesta reflexão não se pode separar da sexualidade a educação do corpo do menino. Desde a mais precoce infância, há um investimento no pênis do menino através de brincadeiras que são manifestação de carinho neste órgão que vai se tornando o grande e, praticamente, único símbolo de que o menino é macho. O homem só passa a reconhecer como fonte única de prazer o seu próprio pênis. Daí que a impotência se torna um grande fantasma que ronda os homens. Sofrer alguma impotência significaria não ser homem, ou deixar de sê-lo. Jamais, ou quase nunca, um homem falará desse tipo de experiência para outro homem ou para uma mulher.

Este parece ter sido o modelo de homem que a nossa cultura tem gestado: racional, forte, poderoso, bem sucedido, não tanto afetuoso e delicado. Um homem verdadeiro,

isto é, macho, tem que assumir esses traços. É o que lhe cobram, é o que ele se cobra. Qualquer "desvio" dessa norma significa para ele, internamente, um conflito; se esse "desvio" é explicitado, os outros e as outras levantarão suspeitas sobre se ele é ou não um homem verdadeiro.

Acontece, porém, que nestas últimas décadas tem surgido uma nova geração de homens que têm questionado esse padrão. É verdade que quantitativamente não deve ser um grande número, mas o suficiente para tomar distância crítica desse modelo. Chegaram à consciência que eles têm que, em alguns casos evidentemente, pagar um preço muito alto para ser homem neste modelo.

Esperemos o acumular dessas manifestações para ver para onde elas apontam. Esses homens diriam, talvez, como os modernistas da Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922: "Nós sabemos o que não queremos, não sabemos o que queremos".

No mais, retomo o que disse Freud: "Mas afinal, o que querem as mulheres?". Respondendo a questão, parece que o que a mulher quer ela já está conseguindo, mas afinal, o que querem os homens?

Vimos neste capítulo como a questão do masculino e do feminino se formou durante muitos anos atrás, porém daqui em diante, veremos como e porque isso aconteceu desta maneira e, assim, entender as diferenças.

### **3. ENTENDENDO AS DIFERENÇAS**

Aqui veremos como cada teoria citada no capítulo anterior trabalha com a questão dos gêneros e as diversas opiniões de pensadores, filósofos e teorias a respeito das diferenças no comportamento de homens e mulheres.

A Psicologia faz grandes considerações sobre os comportamentos humanos e como esses podem influenciar na vida do sujeito. Ela considera o homem como um ser de relações e, como tal, traz fortes heranças da cultura.

Por outro lado, a Psicologia não despreza os aspectos biológicos do sujeito, uma vez que esses ajudam a compreender os diferentes tipos de comportamentos existentes entre

os sexos, porém, além desses aspectos, a cultura é extremamente valorizada por ela, uma vez que essa faz mudanças na vida bio-psico-social do indivíduo.

Na história existem várias opiniões a respeito da mulher que viraram “mitos ou tabus” que ela carrega até os dias de hoje. Hoje se sabe que cada sexo tem suas peculiaridades próprias.

Freud, o pai da psicanálise, perguntou certa vez: “Mas, afinal, o que querem as mulheres?”.

Um livro de obstetrícia de 1900 afirmava: “A mulher tem um cérebro muito pequeno para o intelecto, mas grande o bastante para o amor”.

O filósofo grego Aristóteles definia-a como “um macho mutilado”.

No século XV, um texto de frei Batista Mantovani alinhava nada menos que 60 conceitos pejorativos sobre o sexo feminino, incluindo servil, desprezível, cheio de veneno, inconstante, fingido, falador, leviano, audacioso e maligno. Para os homens, a mulher foi sempre um enigma. Na falta de sensibilidade para o decifrar, coube-lhes produzir uma coleção de estereótipos para moldar a imagem da mulher como a do sexo que não evoluiu plenamente, uma versão frágil e inacabada da espécie humana.

Hoje, as mulheres estão a revolucionar o mundo. Governam países, pilotam aviões, vão à guerra, viajam no espaço, são a maioria nas universidades, decidem eleições, regem orquestras, dirigem empresas, quebram recordes desportivos. Sexo fraco? Nem pensar! Por outro lado o homem começa também a repensar o papel que até então tem lhe sido destinado na trama social.

### **3.1. Aspectos biológicos**

As pesquisas desenvolvidas por Simon Baron-Cohen e Mattias Riepe, desde 2002, revelam que o sexo feminino é mais forte do que se imaginava. As descobertas estão a ocorrer em três frentes.

- A primeira diz respeito à evolução humana. Ao estudarem sítios arqueológicos e comunidades primitivas em regiões remotas do planeta, os cientistas conseguiram entender de forma mais precisa a participação da mulher na Pré-História. Descobriram que ela foi muito mais importante e decisiva do que se imaginava, inclusive em tarefas que se julgavam tipicamente masculinas, como as caçadas.
- A segunda frente de descobertas surge da comparação do desempenho de ambos os sexos em atividades que envolvem aptidão física. Ela mostra que, gradualmente, as mulheres estão a aproximar-se das marcas masculinas nas pistas de atletismo, piscinas olímpicas e campos de treino militar.
- A terceira frente tem a ver com biologia e psicologia, ciências que estão a ajudar a definir melhor as diferenças subtis de metabolismo e comportamento entre homens e mulheres.

Algumas destas novidades estão consolidadas nas idéias de Suzana Herculano-Houzel, do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), através das quais ela atira uma pá de cal na suposta fragilidade da mulher e fornece uma perspectiva inteiramente nova sobre o mundo feminino. *“As diferenças entre homens e mulheres são exatamente isso: diferenças, não defeitos, doenças ou deméritos”*. (2004, p.124).

Seria precipitado concluir que não há diferenças significativas entre as potencialidades físicas do homem e da mulher. Esse foi um erro comum entre as feministas dos anos 60. Muitas acreditavam que, à exceção das diferenças anatômicas, homens e mulheres eram iguais em tudo, e que só o preconceito machista impedia que a semelhança entre os sexos se manifestasse.

Hoje, sabe-se que cada sexo tem as suas peculiaridades. Há dados curiosos a esse respeito. Segundo dados do Departamento de Psicologia da Universidade de Cambridge, as mulheres são entre 10% e 15% menores do que os homens. A proporção de mulheres destros na população é maior do que a de homens. As probabilidades de elas serem daltônicas são menores do que as deles. O coração feminino bate mais rápido do que o masculino. As mulheres são mais sensíveis ao som e menos à luz do que os homens. O

sono delas é mais leve do que o deles. Depois de uma cirurgia, elas acordam da anestesia quatro minutos antes, em média, do que eles.

Por outro lado, a neurocientista, Suzana Herculano-Houzel, argumenta que as variações entre homens e mulheres só aparecem em grandes médias estatísticas e, mesmo assim, são tão sutis a ponto de quase não fazerem diferença no dia-a-dia. "Você não pode falar disso sem colocar todos os qualificativos", disse em entrevista à Folha de São Paulo

Na outra ponta do espectro e na mesma entrevista, em janeiro de 2005, está a psicóloga evolutiva Helena Cronin, da Escola de Economia de Londres. Autora do livro "A Formiga e o Pavão", sobre como a seleção natural moldou a biologia das espécies. A pesquisadora, que qualifica a si mesma como feminista, argumenta que as diferenças entre homens e mulheres -fruto da evolução- são inegáveis e significativas. "*Nós não temos essas diferenças enormes, não somos muito diferentes comparados a outros mamíferos*", afirmou a pesquisadora. "*Mas na vida moderna, diferenças que podem ter sido pequenas agora são enormes*" (CRONIN, Folha de São Paulo, 2005).

Ela considera irrefutáveis as evidências que mostram habilidade superior dos homens para percepção espacial, importante nas tarefas matemáticas, e julga que as verdadeiras feministas, em vez de dar as costas a Summers, reitor da Universidade Harvard, que explicitou essas diferenças em habilidades mais tipicamente masculinas ou femininas em debate público em 2004, deveriam ter tentado "entender por que 'as coisas' são como são e aí então tentar mudá-las".

### **3.2. Aspectos sociais**

Joan Scott, citada no texto de Rachel Soihet, em 2003, trabalha com idéias fundamentadas na história passada das mulheres e como elas se desenvolveram culturalmente ao longo dos anos, assim como Scott, muitas outras pesquisadoras seguem este mesmo raciocínio. Uma exceção, nesse particular, é Maria Odila da Silva Dias, também citada no texto de Soihet, que discorda da necessidade da construção imediata de uma teoria feminista, pois, a seu ver, tal reconstrução significa substituir um sistema de dominação cultural por outra versão das mesmas relações, talvez invertidas de poder, já que o saber teórico implicaria, também, num sistema de

dominação, pois, para ela, este saber impõe regras. Sugere partir de conceitos provisórios e assumir abordagens teóricas parciais. Scott argumenta que, no seu trabalho, o gênero é apenas um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres, mas não tem a força de análise suficiente para interrogar e mudar os paradigmas históricos existentes. Assim, não teria sido suficiente às historiadoras das mulheres provar que as mulheres tiveram uma história, ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. Após um reconhecimento inicial, a maioria dos historiadores descartou a história das mulheres ou colocou-a em um domínio separado. Esse tipo de reação encerra, segundo Scott, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. Scott ressalta, ainda, que as análises de gênero, no seu uso descritivo, tem incidido apenas nos trabalhos sobre temas em que a relação entre os sexos é mais evidente: as mulheres, as crianças, as famílias etc. Aparentemente, temas como a guerra, a diplomacia e a alta política não teriam a ver com essas relações. O gênero parece não se aplicar a esses objetivos e, portanto, continua irrelevante para a reflexão dos historiadores que trabalham sobre o político e o poder. O resultado é a adesão a uma visão funcionalista baseada sobre a biologia e a perpetuação da idéia das esferas separadas na escrita da história: a sexualidade ou a política, a família ou a nação, as mulheres ou os homens

Por outro lado, a polêmica que Rachel Soihet coloca entre Joan Scott e as historiadoras Louise Tilly e Eleni Varikas, em seu texto de 2003, oferece um panorama da pluralidade de concepções acerca da questão do gênero. Ao reforçar a necessidade de se ultrapassar os usos descritivos do gênero, buscando a utilização de formulações teóricas, Scott afirma a impossibilidade de uma tal conceitualização efetuar-se no domínio da história social, segundo ela, marcado pelo determinismo econômico. Saliencia a necessidade de utilizar-se uma "epistemologia mais radical", encontrada, segundo ela, no âmbito do pós-estruturalismo, particularmente, em certas abordagens associadas a Michel Foucault e Jacques Derrida, capazes de fornecer ao feminismo uma perspectiva analítica poderosa.

Louise Tilly contrapõe-se a tal postura, com o que concorda Eleni Varikas, ao afirmar que a vontade política de conceder às mulheres o estatuto de sujeitos da história contribuiu para o encontro das historiadoras feministas com as experiências históricas das mulheres. E, para muitas, este encontro teve lugar no terreno da história social, do que resultaram análises notáveis de relações entre gênero e classes sociais. Desse modo, as críticas formuladas por Joan Scott contra a história social, quanto à marginalização das experiências femininas, a redução do gênero a um subproduto das forças econômicas, a indiferença pela influência do gênero na constituição do sentido na cultura e na ideologia política foi, segundo Varikas, precisamente o que desapareceu nas tentativas bem sucedidas de re-escrita feminista da história. Também, Tilly e Varikas manifestam seu ceticismo quanto ao potencial de epistemologias situadas no âmbito do pós-estruturalismo para elaborar uma visão não determinista da história e uma visão das mulheres como sujeitos da história.

Advertem as pesquisadoras que tais conclusões, acerca dos poderes femininos, não devem, porém dar lugar a enganos, em termos de uma perspectiva conciliadora, de justaposição de culturas, ao mesmo tempo plurais e complementares, esquecendo-se da violência e da desigualdade que marcam a relação entre os sexos. Inúmeros exemplos são apresentados, assinalando-se a presença da complementaridade na divisão sexual das tarefas, o que não exclui uma hierarquização dos papéis exercidos por homens e mulheres. Assim, reiteram a existência da dominação masculina, instrumento indispensável para captar a lógica do conjunto de todas as relações sociais. Entretanto, na perspectiva que adotam, a "dominação masculina" não é mais uma constante sobre a qual toda reflexão tropeçaria, mas a expressão de uma relação social desigual que pode desvendar engrenagens e marcar especificidades de diferentes sistemas históricos.

Importa esclarecer que tais observações não visam excluir a abordagem das mulheres do terreno da política formal, sem dúvida da maior importância no estudo da movimentação feminina, na luta por direitos e de sua participação como sujeitos na sociedade. Afinal, penetrar na esfera pública foi um velho anseio por longo tempo vedado às mulheres.

Passavam as mulheres a garantir sua transcendência, pois o espaço público não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida dos homens mortais, aos quais acrescentamos, também, a das mulheres mortais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho Foi realizada uma pesquisa a respeito das diferenças cerebrais e sociais entre gêneros e assim mostrei como essas diferenças podem causar diversos tipos de comportamentos em homens e mulheres.

Assim, com essa pesquisa pode-se perceber e entender as diferenças de comportamentos entre os homens e as mulheres através da biologia e das teorias sociais.

Percebe-se como a cultura influencia na vida das pessoas e como ela cuidou de fazer o mesmo com a história das mulheres e dos homens.

Acredita-se que os diferentes pontos de vista acerca das diferenças entre os sexos não desprezam uns aos outros, mas se complementam, pois, é notável que, além de um organismo vivo somos também seres de relação e, portanto, estamos inseridos em uma sociedade que nos molda e nos enquadra nas suas normas.

Agora é possível confirmar que esses comportamentos, não poderiam ser iguais, uma vez que homens e mulheres, até nos dias de hoje, são tratados e criados pela própria família, de forma tão distinta entre si. Além disso, as diferenças se evidenciam de imediato no corpo biológico.

Sabemos que hoje, em quase tudo, as mulheres estão se aproximando muito das atividades dos homens, porém, sabe-se que ainda estamos longe de conseguir direitos totalmente iguais, uma vez que muitas de nós mesmas, contribuimos para que as diferenças continuem.

As diferenças físicas e biológicas também são evidentes e essas, muitas vezes, também impedem as mulheres de se igualar aos homens, uma vez que as mulheres, em sua maioria, não dispõem de tanta força física.

É possível afirmar que as mulheres não têm o interesse em se “igualar” aos homens, mas sim, em serem reconhecidas como seres que também pensam, raciocinam e podem executar tarefas que exijam essas habilidades ou outras mais que possam fazer com que elas desenvolvam o seu potencial.

Um fato que merece ser mencionado é que, ao iniciar o trabalho, tinha uma tendência muito maior às teorias biológicas e acreditava, profundamente, que essas diferenças cunhavam nos homens e mulheres, diferenças muito mais marcantes no que se refere ao comportamento que a própria cultura. Porém, durante o desenvolvimento deste projeto, através de leituras e conhecendo um pouco mais das teorias que advindas do âmbito social, é possível perceber quão grande é a influência cultural, se não for até maior, uma vez que esta nos rege e nos molda desde antes do momento do nascimento até nossa morte e, assim como ela muda, mudamos junto. Isso que, para mim, a torna de extrema valia.

Concordando com a neurocientista Suzana Herculano-Houzel quando diz que as diferenças existentes entre homens e mulheres não são tão grandes a ponto de traçar um perfil sobre as coisas que as mulheres e os homens “dão conta” de executar, prova disso é que temos ambos os sexos, em várias áreas de atuação, desempenhando muito bem as mesmas funções.

Percebe-se que existe diferenças sim, diferenças biológicas e cerebrais que podem dar uma certa margem de vantagens em algumas tarefas mas, como nosso cérebro tem a vantagem da multifuncionalidade, essas vantagens podem diminuir ou até mesmo extinguir através do treinamento dessas atividades.

Porém, o que é percebido hoje é que estamos inseridos num sistema que nos molda e é exatamente esse sistema que nos difere em termos de comportamentos.

Essa herança cultural é tão forte que a considero mais marcante que as diferenças biológicas, isso porque percebo, dentro de minha própria casa, como meus irmãos tiveram uma vida e atividades completamente diferentes das que meus pais me deram e aprovaram que eu tivesse, isso porque sou mulher e, segundo eles, não posso fazer as mesmas coisas, já que sou “diferente”. O que considero grande equívoco, já que durante minha vida desempenhei, depois de adulta, a maioria das atividades que os meus irmãos executaram desde pequenos.

#### REFERÊNCIAS:

AUAD, Sylvia M. Von Atzingen Venturoli. **Mulher – Cinco séculos de desenvolvimento na América – Capítulo Brasil**. Centro Universitário Newton Paiva. Belo Horizonte, 1999.

FREDERIKSE ME, Lu A, Aylward E, Barta P, Pearlson G (1999) **Sex differences in the inferior parietal lobule. Cerebral Cortex**\_9, 896-901.

GEARY, D.C. Chapter 8: Sex differences in brain and cognition. In "**Male, Female: the Evolution of Human Sex Differences**". American Psychological Association Books. ISBN: 1-55798-527-8

HOUZEL, Suzana Herculano. **Gafe de Reitor reabre debate sobre diferença entre sexos**. Reportagem Local - Folha De São Paulo - 24/01/2005.

RIEPE, Matthias, **Diferenças entre os sexos**. Universidade de Ulm, Alemanha, 2002.

SABBATINI, R.M.E. **Topographic EEG**. Disponível em [www.epub.org.br/cm/n02/historia/broca.htm](http://www.epub.org.br/cm/n02/historia/broca.htm).

SABBATINI, R.M.E. [Existem diferenças cerebrais entre os homens e as mulheres?](#) **Revista Cérebro & Mente**, 3(11), Out/Dez 2000.

SABBATINI, R.M.E. **The PET Scan: A New Window Into the Brain** Disponível em [www.epub.org.br/cm/n01/pet/pet.htm](http://www.epub.org.br/cm/n01/pet/pet.htm).

SCHNEIDER, Veronika. **Características Genéticas**, BBC – Brasil, 2003

SOIHET, Rachel. **História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões**. Disponível em [www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml).

TOSCANO, Moema e GOLDENBERG, Mirian – **A Revolução das Mulheres, Um Balanço do Feminismo no Brasil** – Ed. Revan – Rio de Janeiro/1992.

WITELSON, DL Kigar, T Harvey (1999). **The exceptional brain of Albert Einstein**. The Lancet 353, 2149-2153.